

ENTRE COCOS E BETERRABAS OU ÁGUA DE COCO NEM SEMPRE  
É REFRESCO, POIS A DOÇURA TAMBÉM CORTA A CARNE



**Entre cocos e beterrabas ou Água de coco nem sempre é refresco, pois a doçura também corta a carne,** por Alexandre Falcão de Araújo<sup>1</sup>.

Estávamos na periferia do Crato, na rua do Terreiro de Mestra Edite, do Coco das Mulheres da Batateira, onde havíamos passado uma linda tarde cantando e dançando coco, comendo e conversando com as matriarcas daquela tradição. Era final da tarde, recém havíamos saído do terreiro, estávamos risonhos, leves, como que banhados de uma alegria ancestral da tradição popular. As mulheres do Coco estavam conosco, descendo a rua, rumo à praça do bairro, quando avistamos a atriz e *performer* Bárbara Leite, trajando um vestido branco e luvas compridas, também brancas, cobrindo seus braços. Levava à sua frente, seguro pelos lábios, um grande ralador, como se fosse um gigante pingente de um colar, onde ela compulsivamente ralava uma beterraba, e deixava o líquido roxo e os pedaços do tubérculo escorrerem pelo vestido. Como estava abocanhando o ralador, ela não falava, e sua face estava séria, por vezes parecia sentir dor, por vezes parecia estar louca. Tratava-se da intervenção [IN] *Fluxo*, uma produção do coletivo Arruaça Escoamento, com criação e direção assinadas pela própria Barbara Leite. Pensei: Vai “rolar” um choque cultural, a intervenção não vai conseguir estabelecer comunicação com esta comunidade!

A aludida rua da Batateira se conformava em uma veia lúdica da cidade, com crianças correndo e brincando, senhoras e senhores falando alto, aparentemente destoantes do registro performativo construído por Bárbara. Sua proposta me parecia hermética. Ledo engano deste homem branco e cis...

Ao longo de seu trajeto, de cerca de quatro quarteirões, sua imagem, forte e enigmática, foi atraindo os olhares das pessoas da comunidade, gerando curiosidade e inquietação... Logo no início do percurso, ela passou em frente a um bar/mercearia sem clientes, naquele momento. Lá estava somente Dieime, uma jovem (funcionária ou dona do estabelecimento), que olhava intrigada a jovem ralando a beterraba. Dieime estava em pé, comendo um chocolate Batom, em frente à mercearia. Ao ver que eu a observava, Dieime me perguntou, referindo-se a Bárbara:

- \_ O que ela tá querendo dizer?
- \_ Também não sei. O que você acha?
- \_ Alguma coisa da mulher.

---

<sup>1</sup> Professor do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e doutorando em Artes na Universidade Estadual Paulista (Unesp). A produção dessa leitura crítica foi possível graças ao apoio da Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia (Fapero) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).









A comunicação estava estabelecida. A imagem tocou Dieime e outras tantas e tantos naquele bairro, aquela tarde. Tal imagem poderia remeter, entre muitas outras leituras possíveis, à menstruação, mas também a inúmeras situações de violência contra a mulher. Em suas veias abertas de artista, Barbara jorrava um sangue roxo e adocicado, mas, nem por isso, menos doloroso, como sua expressão. Feição, aliás, cabocla, de pele morena e olhos puxados, com traços indígenas, que muito provavelmente também intensificaram o reconhecimento mútuo entre a *performer* e as mulheres da comunidade. Mais adiante no trajeto, já em uma avenida com maior fluxo de carros, Bárbara parou, intencionalmente, na frente de outro boteco, onde homens jogavam sinuca.

A gestualidade, cuja partitura manteve a ralação neurótica da beterraba, pareceu ganhar mais força e intensidade. A artista continuou seu amargo ato de ralar a doce beterraba, olhando para a cena típica dos machos supostamente heterossexuais. Os homens olhavam de canto de olho, com certo constrangimento. Os risos dos machos, que bebiam e fumavam, se tornaram mais comedidos. Certo riso, certa alegria superficial do cotidiano, tão latina, tão popular, não exclui a (e às vezes é a própria) barbárie. Naquele bairro são todas trabalhadoras e trabalhadores. O que diferencia o riso das senhoras, das jovens mulheres e das crianças do coco, do riso dos marmanjos do boteco? São todas e todos sujeitas e sujeitos da cultura local. Mas, a tradição do coco – expressa de forma matriarcal na comunidade – em certa medida, subverte o machismo hegemônico, tão claramente simbolizado na cena usual do boteco.

Por isso, as gargalhadas das senhoras do coco não emudecem o pranto pela violência de gênero, não abafam a gravidade da situação das mulheres em nossa sociedade. Pelo contrário, elas são uma resistência festiva contra tal situação, ao mesmo tempo em que permitem um reconhecimento mútuo da denúncia, feita em outros tons, de outra forma, por Bárbara Leite.

Ao chegar à praça das Batateiras, Bárbara tirou de um de seus bolsos um panfleto dobrado e amassado, com aparência de velho, onde em um lado lia-se, em destaque: “Ele não!”. A artista começou a ler o panfleto: denunciou situações de feminicídio, falou de Dandara Kethlen (a travesti cearense assassinada de forma brutal, em 2017, por um grupo de machos transfóbicos), repudiou um caso recente de feminicídio no Crato, na praça da Sé. Destacou: “[...] a roupa é branca, o véu é branco, o sistema é branco, o silenciamento é branco, [...] o assassinato é vermelho!”.





Denunciou ainda outros tantos casos recentes de feminicídio na região do Cariri. Nesse momento, ela conversava diretamente com as senhoras do coco que assistiam à *performance*. As senhoras concordavam, a comunicação era evidente, em verbo, em cheiros, em imagens.

Tal cena me fez novamente perceber que a arte popular não nega a arte contemporânea e, por sua vez, a arte contemporânea pertinente e consequente não se fecha, não se isola da arte popular, não se isola das e dos populares. Visto em outra perspectiva, conforme as palavras de minha irmã, Lílian Falcão de Araújo (que não viu a *performance*, mas leu a versão prévia deste texto, a partir da qual teceu comentários):

[...] quiçá a comunicação se estabeleça devido à vivência em uma estrutura machista que é comum a todas as mulheres e devido a qual todas sofrem, independente do grau ou modo. Ou seja, não se trata apenas da conexão da arte popular com a arte contemporânea, mas da condição do ser mulher, que em qualquer forma de arte permite conectar mulheres e incomodar aos homens e à estrutura machista.

Retornando à cena propriamente dita, o texto lido por Bárbara é potente, ainda que, por vezes, seja de difícil audição, já que a *performer* não se valeu de nenhum recurso de amplificação e sua voz não chegou a ter volume suficiente para disputar ou compor em pé de igualdade com os ruídos da barulhenta avenida. Ainda assim, suas denúncias e provocações se fizeram vistas e percebidas pela comunidade e entre o coco tradicional e o panfleto performado, a resistência feminina se fez notar na periferia do Crato, assim como se faz notar na luta por seus direitos entre tantos outros rincões do país.